



O Conceito de Doenças Físicas nas Revistas Istoé e Época¹

Rosa Maria SILVA²

Tamiris OLIVEIRA³

Paulo Fernando de Carvalho LOPES⁴

Universidade Federal do Piauí, Teresina-PI

Resumo

Este trabalho tem como objetivo analisar as construções discursivas acerca das doenças físicas nas revistas semanais Istoé e Época. Para tanto, através da análise de discurso, serão analisadas as três instâncias do conceito de contrato de leitura (eu, tu e tema) formulado por Eliseo Verón. O corpus utilizado se restringe ao período entre os anos de 2004 a 2008, sendo as doenças físicas capa das revistas analisadas.

Palavras - Chaves: doenças; saúde; ciência.

Introdução

O presente trabalho, na busca pelo conceito de doenças físicas, utiliza as revistas semanais Istoé e Época como fonte. Logo, nada mais adequado do que, *a priori*, contextualizá-las.

Istoé nasceu no ano de 1976, pela Editora Três. Ela é uma criação do jornalista italiano Mino Carta, que se associou a Domingo Alzugaray para lançá-la, inicialmente com periodicidade mensal. Algum tempo depois, a Gazeta Mercantil compra o veículo que só veio retornar à sua editora de origem no ano de 1988.

Como na época a marca da editora era o grifo *Senhor*, Istoé passa a circular até meados 1992 com o título Istoé *Senhor*, sendo voltada ao público masculino e recheada de política e economia. Atualmente, é uma revista semanal de informações gerais publicada pela Editora Três. Domingos Alzugaray continua à frente dela, desempenhando a função de editor e diretor responsável. É composta com, em média, de 108 páginas.

A revista Época é mais recente. Ela nasceu em 25 de maio de 1998 e é uma publicação da Editora Globo. Ela é a principal mídia semanal escrita das Organizações

¹ Trabalho apresentado ao Intercom Junior, na Divisão Temática de Jornalismo, do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste.

² Estudante de Graduação do Curso de Comunicação Social da UFPI, e-mail: rosa_maria_dias@hotmail.com.

³ Estudante de Graduação do Curso de Comunicação Social da UFPI, e-mail: tamihlima@yahoo.com.br.

⁴ Professor Doutor orientador do Núcleo de Pesquisa em Jornalismo e Comunicação – NUJOC do Curso de Comunicação Social da UFPI, e-mail: pafecalo@ufpi.br.



Globo, tendo uma tiragem média de 420 mil exemplares. Época aborda, em suas geralmente 138 páginas, assuntos diversos.

Istoé e Época são duas das revistas mais importantes e de maior repercussão na sociedade brasileira. Por esse motivo, elas são objeto de nossa análise, com um recorte de quatro anos (2004 a 2008).

As revistas funcionam como mediadora nos processos comunicativos e assumem a função de pólo organizador de saber. Istoé e Época, a partir da configuração do lugar social de onde falam, constroem discursos sobre as doenças físicas e os fazem circular na sociedade por meio de textos, ilustrações, composições, diagramação, fotografias e legendas. Nesses ficam gravadas as marcas enunciativas, carregadas de personagens e de discursos legitimados pelo veículo. As revistas, portanto, abordam o tema em suas páginas de forma particularizada e conforme a imagem que têm de si, do seu leitor e do assunto.

Para categorizar as diferentes etapas da análise do discurso das revistas, o trabalho foi dividido em capítulos. Inicialmente, é feita observação acerca da imagem que cada veículo tem de si, através das marcas que este deixa em suas páginas. Em seguida, a imagem de quem é o público-alvo. Logo depois, como o tema é retratado por cada revista. Por fim, faz-se a análise comparativa entre os dois veículos semanais.

Metodologia

A metodologia empregada é a designada por Eliseo Verón como contrato de leitura. O contrato de leitura é um dispositivo de enunciação adotado por um suporte. Para ele ser posto em funcionamento não importa qual o meio de comunicação de massa nem o suporte significativo - cinema, rádio, revista, televisão ou jornal. No contrato o que importa é a relação entre um suporte e seu público. E as estratégias utilizadas na construção discursiva. O discurso de cada suporte é um espaço imaginário onde diversos percursos são oferecidos ao leitor (LOPES, 1989).

O contrato de leitura é, em uma definição simples, um laço estabelecido entre o enunciador e o destinatário, que se confirma a partir do momento em que o leitor passa a consumir o veículo com frequência. A expressão é utilizada no caso de veículos escritos, e a partir dela podemos supor que o leitor concorda com as idéias passadas pelo veículo. Ele se estabelece a partir de três dispositivos de enunciação: o primeiro se refere à imagem daquele que fala (enunciador), imagem aqui designa lugar (ou lugares) que aquele que fala atribui a si. Essa imagem tem relação com aquilo que ele diz. O



segundo tem a ver com a imagem do outro, a quem o discurso é dirigido. Definindo ao mesmo tempo o lugar do outro. E por fim, o terceiro dispositivo se refere à relação entre o enunciador e o destinatário, que é proposta no e pelo discurso.

A verificação das maneiras como se estabelece o contrato de leitura em cada veículo é dada através das marcas enunciativas. Elas são pistas deixadas no momento da enunciação. Exemplo delas são os usos das técnicas (gramática, diagramação, ilustração...), das vozes, e das disposições destas.

O francês Emile Benveniste ao criar a Teoria da Enunciação desfaz a idéia estruturalista da linguagem a qual Saussure propunha. A partir de então, por ser o homem um ser constituído na cultura e na linguagem, ele se faz sujeito e transforma sociedade ao por a língua em funcionamento por meios individuais e subjetivos. Ao fazer isso, a enunciação transforma-se em discurso estabelecendo uma relação íntima e pessoal com a língua.

No ato de enunciar, de por a língua em funcionamento, o sujeito instaura a presença do outro. Este segundo sujeito social é inevitável, uma vez que ao falar, sempre se fala para alguém. A partir daí o sujeito utiliza a língua para estabelecer uma relação com o mundo através do outro e com isso, o homem insere-se no mundo, transformando-o.

Essa transformação dá-se de maneira subjetiva. Ao fazer uso da língua, da cultura, a subjetividade do sujeito é posta em funcionamento, pois é a subjetividade que determina as formas de falar ao outro.

É através da implantação do outro no discurso que o filósofo Mikhail Bakhtin desenvolve sua contribuição à semiologia. A presença do outro na linguagem estabelece confrontos de sentido, disputa de poder, ideologias.

A fala do sujeito está ligada ao seu contexto social e, portanto, convoca diversas vozes sociais para dialogar e confrontar-se dentro da enunciação. Daí surgem dois conceitos-chave: polifonia e dialogismo.

A polifonia são as diversas vozes que se fazem presente no discurso derrubando a idéia de sujeito individual, ele é social e formado pelo processo de comunicação entre os vários indivíduos. O dialogismo é o embate responsivo dos discursos preexistentes, coexistentes e /ou futuros de forma direta ou indiretamente. É a partir daí que há a circularidade dos textos na sociedade. Através destes mecanismos as vozes e os discursos sociais se presentificam na enunciação e participam do postulado da semiose infinita (objeto, signo e significante constroem infinitos sentidos).



As diversas vozes e os vários embates contribuirão para o desenvolvimento do conceito de heterogeneidade enunciativa proposto por Jacqueline Authier-Revuz. Ela determina a presença do Outro na fala de forma mostrada ou constitutiva. Ambas as formas são usos de falas alheias ao enunciador, mas das quais este se apropria e faz uso mostrando o lugar de fala do Outro.

Com base nestes conceitos, Milton José Pinto elaborou a Semiologia dos Discursos Sociais (SDS). Ela sustenta-se em três postulados. O primeiro é o da semiose infinita, para o qual todo e qualquer objeto social é semantizado e se relacionam culturalmente de forma infinita. O segundo é o da heterogeneidade enunciativa, para o qual o enunciador presentifica vários outros enunciadores. O terceiro postulado é o da economia política do significante: todo objeto é produzido, circula e é consumido simbolicamente direta ou indiretamente pela sociedade. Para a SDS, o processo é o mais importante que a estrutura.

Assim, as marcas e estratégias enunciativas permitirão o analista de discurso descobrir as características e porquês da produção textual.

A seguir, a análise do corpus baseada na Semiologia dos Discursos Sociais a fim de revelar as estratégias enunciativas que estabelecem o contrato de leitura de cada veículo com seu leitor através da enunciação nos textos relacionados às doenças físicas. Busca-se, também, ao final, o conceito de doenças físicas para cada revista.

1. A imagem de Si

1.1 Istoé

A revista Istoé traz o tema doenças físicas relacionada a inovações tecnológicas no campo da medicina e bem-estar. Nas matérias levadas para a capa são usadas ilustrações com pessoas atuando de acordo com o subtema ou tratando o corpo humano como uma máquina recheada de recursos elétricos, o que possibilita usar contrastes fortes de cores, fazendo um misto de ciência e saúde tão entrelaçadas que mesmo dentro da matéria são indissociáveis. Como exemplo pode ser citada a capa da edição nº 1802, do dia 21 de abril de 2004, cujo título é *A saúde do cérebro* (uma cabeça na penumbra com um cérebro de cores vibrantes dentro, assemelha-se a raios, para designar o funcionamento do órgão).

Além dos recursos de diagramação, as doenças físicas são apontadas nas capas de Istoé com dicas. As chamadas das reportagens, normalmente localizadas em *Especial* ou em *Medicina & Bem-Estar*, demonstram que a revista tem a resposta de como se



tornar mais saudável, profilaxias, agir em caso de doenças etc. A exemplo das estratégias enunciativas usadas no âmbito do uso da língua para essas chamadas são: *O que fazer para que o coração de seu filho funcione direitinho por muitos e muitos anos*, da edição n° 1884, de 23 de novembro de 2005 e *Dicas para evitar e combater o problema*, da edição n° 1840, de 19 e janeiro de 2005.

A edição n° 1802 foi publicada em 21 de abril de 2004 com a capa: *A saúde do cérebro*. A reportagem está localizada na editoria de *Medicina & Bem-Estar* (p. 50-56), com o título *EURECA!!!* associada ao momento de descoberta por algum cientista, remete ao chapéu (frase acima do título) que diz: *A ciência avança no tratamento das principais doenças que danificam o cérebro*. Ao falar de cada doença, são usados boxes com dicas e orientações - ao todo são cinco, dentre eles um teste de memória. Além disso, falas de pesquisadores, médicos e pacientes são postas de forma direta e marcada, entrelaçando com a voz jornalística na tentativa de proporcionar confiança.

No primeiro mês de 2005, no dia 19, Istoé coloca em exposição o tema obesidade infantil. A matéria é voltada para alertar os pais quanto à alimentação das crianças. O veículo se mostra preocupado com a saúde *versus* peso e tem o problema como social e não familiar, apesar do texto estar direcionado aos pais, diversas vezes usa o termo *nossas crianças*, como em *nossas crianças estão cada vez mais obesas*.

Em duas outras edições seguintes, n° 1860 e n° 1879, as doenças físicas apenas são apresentadas em se tratando de remédios. Já no ano de 2006, desenvolvimentos de vários portes na medicina acarretaram muitas mudanças nas farmácias. Istoé destaca isso em suas matérias. As questões de doenças físicas são colocadas muito próximas a essas questões, uma vez que tais inovações seriam divisores de água no que viria a ser destaque ou não de doença.

1.2 Época

As doenças físicas trazidas pela revista Época em suas capas, como chamada principal ou não, entre os anos de 2004 a 2008 são alergia, derrame, AIDS, enxaqueca, tuberculose, câncer e as doenças do coração, totalizando dez edições.

Época tem um discurso pedagógico, ela procura ensinar os seus leitores sobre a doença em destaque. Para isso, traz gráficos explicativos acerca da doença e com estatísticas. Ainda quanto ao seu viés pedagógico, Época inicia as matérias acerca do derrame e da enxaqueca, edições n° 414 e n° 464, respectivamente, com uma metáfora



que explica como se processa as reações do organismo humano que levam a tais enfermidades.

As matérias sobre as doenças físicas trazem, além das explicações sobre as mesmas, considerações acerca do tratamento e das novas descobertas sobre técnicas de cura, como na edição nº 414, de 24 de abril de 2006, cujo título é *Derrame: por dentro da doença que mais mata no Brasil – Novas técnicas e tecnologias ajudam na prevenção e na reabilitação dos pacientes*.

Em algumas edições, *Época* inicia seus textos mostrando-se como um veículo sensível aos dramas humanos. Sintomático desse viés sensibilizador de *Época* é a matéria *A força de José Alencar*, edição nº 527, de 23 de junho de 2008. Nela a repórter Cristiane Segatto, em primeira pessoa, mostra o lado humano do vice-presidente. As fotos da matéria trazem José Alencar como um paciente sorridente, tranquilo e confiante, um cidadão como qualquer outro: *o paciente de cabelos ralos, obediente aos médicos e cheio de vontade de viver*. *Época*, dessa forma, aproxima-se do público, não se mostrando indiferente ao caráter humano dos temas que aborda.

A revista *Época* mostra-se conectada com as discussões do cotidiano, permitindo-se ser pautada pela sociedade. Na edição nº 337, de primeiro de outubro de 2004, ela traz a morte do jogador de futebol Serginho, do São Caetano, que teve um ataque cardiorrespiratório em pleno jogo, no estádio do Morumbi.

Época não faz um discurso terrorista, ou seja, ela não aborda apenas o lado irreversível das doenças. Ao contrário, traz depoimentos de pessoas que se recuperaram e que levam uma vida normal. Isso não se aplica a um único caso: a AIDS.

Na edição nº 422, de 19 de junho de 2006, *Época* traz a capa *25 Anos de AIDS*. Ela mostra que, ao contrário dos prognósticos dos anos 80, as pessoas soropositivas podem ter uma vida longa, contudo, enfatiza as dificuldades que elas enfrentam. *Época* assume um discurso conscientizador, defendendo a prevenção e explicando a dificuldade de se produzir uma vacina contra o HIV. Ao final, com pessimismo, afirma que *vencer a batalha contra a AIDS ainda parece distante*.

2. A Imagem do Tu

2.1 Istoé

Ao trabalhar as doenças físicas, Istoé seleciona assuntos de grande repercussão e de conhecimento prévio do leitor: doenças de muitos casos ou que por algum motivo (personagens famosos, por exemplo) se tornaram notórias.



A edição nº 1944, de 31 de janeiro de 2007, traz o título *A nova ciência da menopausa*, acompanhado pela imagem da atriz Ângela Vieira, 54 anos. Para tratar do assunto de conhecimento do público, a revista usa termos como *delicada fase, meia idade*, sempre tomando muito cuidado com a leitora (as mulheres e a vaidade) e despertando o interesse do leitor (homens e passíveis de convivência com elas). O uso do artigo *a* determina e coloca em questão a unicidade e a certeza desta ciência a ser proposta, não sendo qualquer estudo sobre a menopausa, mas uma específica. Além disso, o leitor do sexo masculino é despertado ao apontar a andropausa (que ocorre com os homens na faixa dos 50 anos).

O leitor de Istoé é alguém que está preocupado com formas de evitar doenças ou de aprender a conviver com certa doença. Geralmente, os temas trazem informações de remédios e dicas para diminuir efeitos dos males à saúde física. Assim, se informando, diminui a necessidade imediata de contato com médicos.

Os textos são marcados por falas de médicos, cientistas e pacientes entre aspas. A revista identifica o leitor como um paciente real ou em potencial e escolhe usar uma linguagem que mistura o popular com o técnico.

Na edição nº 1906, de três de maio de 2006, sob o título *O alívio da dor nas costas*, o leitor é posto frente a frente ao enunciador. Ele é tratado no primeiro parágrafo como paciente atual ou em potencial. A descrição dos diversos níveis de dor nas costas cria uma identificação.

Infográficos são de grande importância. Eles dão maior leveza no texto. No entanto, em algumas páginas o texto é quase inexistente devido aos recursos de diagramação.

A maneira de conceder certas explicações dentro de recursos gráficos passa a idéia de que o leitor tem familiaridade com a internet, pois os boxes e infográficos funcionam como forma de hiperlink para um leitor que costuma fazer uso de aparelhos tecnológicos, em especial da internet.

Na edição nº 1879, de 19 de outubro de 2005, os altos custos dos tratamentos de saúde trazem a preocupação das formas de aliar as dificuldades financeiras com a precariedade do sistema de saúde. Pronomes possessivos na terceira pessoa falam diretamente ao leitor, transportando os problemas para próximo de quem lê.

No dia 23 de novembro de 2005, a revista se direcionou aos pais. Sob o título *Coração para toda a vida*, responsabilizou os pais pela saúde e hábitos dos filhos. As vozes presentes nesse texto são de especialistas e de pais, usadas para firmar a idéia de



responsabilização pela saúde da criança, afirmando que esta deve ser obtida através de dieta e exercícios.

Em sua gênese, Istoé tinha um público definido: homens de negócio. Hoje em dia, o público é mais diversificado, a distinção de sexos não mais há, já a de faixa etária ainda existe. Os textos são voltados para pessoas adultas ou preocupadas com assuntos cotidianos que podem atrapalhar, de alguma forma, a vida produtiva. Não pela linguagem, mas pelos temas, termos e fontes.

2.2 Época

As matérias sob análise são construídas a partir da relação *eu-tu*, no caso a revista e o leitor; e de um tempo marcado, o hoje. Isso deixa marcas no texto.

Época, na condição de *eu*, instaura o *tu*, o sujeito falado. Baseado na expectativa que tem do seu leitor, a revista constrói suas matérias. O leitor ao qual Época se dirige é uma pessoa que tem conhecimento prévio acerca dos temas abordados. Isso, porque a revista se omite em explicar algumas passagens do texto. Por exemplo, na edição n° 422, de 19 de junho de 2006, falando da AIDS, Época diz: *a grande preocupação é que a lipodistrofia volte a provocar o estigma que marcou a doença nos primeiros anos*. A revista não explica que estigma era esse, pressupondo que o leitor saiba. Apenas mais a frente ela cita as *imagens cadavéricas*, o estigma omitido na passagem anterior da matéria.

Embora o leitor de Época seja presumivelmente bem instruído, ele não tem domínio dos termos técnicos. A revista revela isso ao trazer os termos médicos de forma simplificada. Assim, metástase vira *as células cancerosas (que) já poderiam ter se espalhado pelo corpo*, na edição n° 506, de 28 de janeiro de 2008.

As matérias são perpassadas por vozes distintas que, paradoxalmente, constroem a harmonia do texto. Essas vozes podem ser trazidas conscientemente pela revista, caso da heterogeneidade mostrada, ou de forma inconsciente, heterogeneidade constitutiva, com origem na cadeia de enunciados diluídos na sociedade da qual o emissor participa.

As heterogeneidades mostradas legitimam a posição de Época quanto ao tema abordado. A revista traz diversos especialistas falando das doenças e seus tratamentos, dando voz também a correntes científicas divergentes. Porém, revela sua corrente preferida através da fala de um especialista.

Ao instaurar o *tu*, Época adota uma atitude responsiva. Ela traz enunciados postos no meio social, articula-os, convoca as dúvidas dos leitores e prontifica-se a



esclarecê-las. É, pois, recorrente nas matérias analisadas a colocação de perguntas, de forma direta ou indireta. A capa da edição n° 542, de 06 de outubro de 2008, é sintomática com a manchete: *Câncer: por que lutamos, lutamos – e ainda perdemos*.

Época trabalha com a ideia de um leitor que deseja seus conselhos. Logo, por exemplo, permite-se dizer que *o melhor a fazer é embarcar na dura viagem do autoconhecimento e tentar controlar as reações exageradas*, na matéria sobre o stress e o coração, edição n° 387, de 17 de outubro de 2005.

As doenças físicas são tratadas por Época, em diversas passagens, com um tom pessimista, alarmante e por vezes catastrófico. Dialogando com enunciados bélicos, a revista traz termos e expressões como *arsenal, sobrevivente, inimigo, inferniza, padecem do mal, ameaça, luta, guerra, combate, tarefa penosa*.

Porém, quebrando o discurso pessimista, Época preza por mostrar as fases pelas quais passaram as doenças abordadas, a fim de explicitar a evolução nos tratamentos. Época acredita na ciência como a solução para essas doenças.

Quanto ao discurso gráfico, nas capas *Enxaqueca: as novas vitórias da ciência contra um mal que atormenta mais de 25 milhões de brasileiros* (edição n° 464, de 09 de abril de 2007) e *Derrame: por dentro da doença que mais mata no Brasil – novas técnicas e tecnologias ajudam na prevenção e na reabilitação dos pacientes* (edição n° 414, de 24 de abril de 2006), Época traz um discurso aterrorizador sobre essas doenças. Na primeira, um cérebro rachado; na segunda, um derramamento de sangue a partir da cabeça.

3. A Construção do Tema

3.1 Istoé

Istoé traz as doenças físicas muito ligadas à ciência, tecnologia, descobertas. Termos como *avanços, estudos, novidades* são trazidos nas chamadas de capas estabelecendo uma relação de proximidade entre a eliminação dos males com a promoção da ciência.

As reportagens relacionadas às doenças físicas são encontradas na editoria de medicina e bem-estar ou em editoria especial. Esse posicionamento retrata a ideia de saúde estar relacionada à qualidade de vida.

Os textos não ocupam muito espaço na revista, há uma valorização dos boxes, ilustrações, olhos (recurso de diagramação), infográficos explicativos, comumente ocupando uma página inteira. As doenças bem como os possíveis tratamentos e



descobertas sobre elas são bem detalhados a fim de informar o leitor das diferentes alternativas que ele possui para atingir o bem estar.

Os textos de Istoé sobre saúde física possuem várias designações para as doenças. No entanto, logo trazem explicações para o leitor, ou em boxes, ou em parágrafos seguintes, ou mesmo em edições seguintes. O tamanho dos títulos dos boxes e os verbos no imperativo chamam a atenção do leitor. Na edição n° 1808, de dois de junho de 2004, a capa sugeria: *Como ganhar a guerra contra o colesterol* e dizia na chamada que um estudo realizado mostrava que mesmo as pessoas em tratamento não conseguiam atingir os níveis ideais. Dentro da matéria, já alertado sobre a possibilidade de ter esforços em vão, o leitor encontra um Box com o título: *Assuma o controle*.

A ligação do uso de remédios com a saúde é comum em várias edições. O título da edição n° 1813, de sete de julho de 2004, é *Os super-remédios*, que dentro do texto são tidos como *caixinha de surpresas*, em uma referência à caixa de remédios. Tratar o novo medicamento por *super* tanto na denominação quanto na ilustração (pílula com uma capa) é uma referência ao poder dos super-heróis. Eles suscitam confiança, proteção, resolução de qualquer problema. É isso que a indústria farmacêutica propõe. Medicamentos polivalentes: *de uma vez, combate-se mais de um inimigo*.

A edição n° 1860, de oito de junho de 2005, traz um alerta: *Cuidado: Remédios*, ao falar da segurança deles, especialmente àqueles contra impotência sexual. Nessa matéria, os remédios são designados por drogas e a revista comenta os efeitos adversos. Porém, como solução, apenas aponta a revisão das bulas.

3.2 Época

A revista Época, no período de 2004 a 2008, trouxe em suas capas as doenças derrame, enxaqueca, alergia, AIDS, câncer, tuberculose e doenças do coração, totalizando dez edições. A revista, por meio de seus textos e diagramação, constrói o conceito dessas doenças. A seguir, busca-se esse conceito, observando-se as marcas desse processo de construção deixadas nos textos e trabalhos gráficos da revista.

Nas edições n° 337, de primeiro de novembro de 2004, e n° 387, de 17 de outubro de 2005, a revista Época traz em sua capa as doenças do coração. Ela coloca essas doenças sobre três perspectivas: as genéticas, as coronarianas e as causadas por stress. As rubricas utilizadas são *reportagem de capa*.

As doenças do coração são, portanto, originadas de fontes diversas, mas, conforme Época, em todos os casos os pacientes podem tomar atitudes que lhes evitem



a morte. Na edição n° 337, *Época* faz questão de relevar que as doenças cardíacas que mais vitimam as pessoas são as coronarianas, aquelas que se originam dos hábitos pouco saudáveis da população. Na edição n° 387, *Época* traz na capa a manchete *Stress x Coração – novas pesquisas revelam que as pressões do dia-a-dia são tão perigosas quanto o cigarro e a obesidade. Saiba como desarmar essa bomba*. Assim, mostra problemas cardíacos que têm origem no stress.

Nos casos de motivação genética, a revista alerta, com base no caso da morte do jogador Serginho do São Caetano e de outros atletas vítimas de morte súbita, que as pessoas devem evitar esportes de alto rendimento, pois estes não fazem bem à saúde.

Na edição n° 299, de nove de fevereiro de 2004, com a rubrica *especial*, a revista *Época* trata da alergia. Em um jogo de leitura externo e interno, o título completa a manchete de capa, trazendo o conceito de alergia para a revista: *Alergia (externo) - O inimigo dentro de nós (interno)*. Ao longo do texto, *Época* tenta ratificar o conceito inicial de alergia, o inimigo, inclusive através do box *Livre-se do inimigo – O que fazer para manter os alérgenos longe de sua casa*.

Na edição n° 474, de 18 de junho de 2007, *Época* traz em sua capa uma chamada para uma tuberculose ultra-resistente que chegara ao Brasil, *A nova tuberculose ultra-resistente chegou aqui*. Já no subtítulo a revista define o que é essa doença para si, *Um americano voltou aos EUA com tuberculose ultra-resistente. Foi posto em quarentena. A doença – uma nova ameaça global – já foi identificada no Brasil*.

Na edição n° 422, de 19 de junho de 2006, *Época* traz em sua capa *25 anos de AIDS – como era, como é, como vivem hoje os portadores do HIV*. A matéria tem longo texto, muitas fotos, depoimentos, box com informações e entrevistas, estatísticas e infográficos. São páginas bem trabalhadas esteticamente.

Época traça o histórico da doença, trazendo sua descoberta, suas três fases, suas alcunhas, seus símbolos famosos, suas formas de tratamento e sua esperança de cura. Embora retrate que as pessoas podem conviver com o vírus da AIDS por bastante tempo, *Época* faz questão de alertar que a AIDS não é doença crônica, como no box da página 71, em que conta a história de Denise Moraes, *Um ano de pijama: a angústia de quem sabe que a AIDS não é doença crônica*.

Época constrói uma imagem grandiosa da AIDS, posto que ela é *a doença que transformou os costumes e é um dos maiores enigmas científicos deste milênio*. E, em um discurso pessimista, fecha a matéria afirmando que *vencer a batalha contra a AIDS*



ainda parece um alvo distante. A AIDS é, pois, o grande desafio científico dos primeiros anos desse milênio.

Na edição nº 414, de 24 de abril de 2006, *Época* trata do derrame. A capa é bem objetiva quanto ao conceito da doença para a revista, *Derrame – Por dentro da doença que mais mata no Brasil*. A construção gráfica da capa dialoga com o título, posto que se no título o leitor descobre que o derrame, ou acidente vascular cerebral, é a doença que mais mata no país, concomitantemente ele tem a representação visual da gravidade dessa doença. Destaque para o impacto visual causado pelo nome *derrame* em amarelo, contrastando com o fundo vermelho, no centro superior da capa.

Abaixo do texto da capa se vê a imagem da parte superior do rosto de uma mulher, com olhos que se dirigem de forma direta ao leitor. Entre os olhos da mulher, e por conseqüência, entre os olhos do leitor também, ocorre um derramamento de sangue, que jorra da cabeça dela. É uma capa marcada pela cor vermelha, representando a perda da vida de milhares de brasileiros em decorrência dessa doença.

Na edição nº 464, de nove de abril de 2007, *Época* utiliza na capa dispositivos de enunciação semelhantes aos utilizados na capa do derrame, edição nº 414, tratando da enxaqueca. *Época* constrói o conceito da doença enxaqueca como uma doença contra a qual *a ciência está acumulando novas vitórias*. Assim, a enxaqueca é uma doença que tem na ciência sua esperança de cura.

A confiança de *Época* na ciência fica marcada na superfície da matéria. No seguinte trecho o *ainda* marca essa confiança, *os cientistas ainda não conhecem todos os mecanismos envolvidos. Mas já sabem que se trata de uma doença genética*. Ainda não conhecem, o que não os impede de um dia conhecer.

O câncer foi tema de três capas de *Época* no período analisado. Na edição nº 527, de 23 de junho de 2008, a revista traz a doença, com a rubrica *Medicina*, através de uma matéria exclusiva com o vice-presidente José Alencar, que fora diversas vezes acometido pelo câncer. Alencar é uma representação da força de um paciente contra a doença, em consonância com o título *A força de José Alencar*. Na edição nº 542, de seis de outubro de 2008, *Época* retrata o câncer de forma ampla, trazendo em infográfico *o passado e o presente na luta contra o câncer*. Já na edição nº 506, de 28 de janeiro de 2008, *Época* vale-se do câncer de testículo do jogador brasileiro de basquete Nenê para falar dos cânceres masculinos.

O câncer, para *Época*, é uma doença que se desdobra em diferentes formas. Todas elas exigem do paciente persistência, pois ocorrem batalhas diárias para vencê-lo.



A revista apregoa uma posição ativa das pessoas, para que se previnam da doença ou possam descobri-la ainda em uma fase inicial. É uma doença que amedronta e atormenta, mas que pode ser vencida, embora não definitivamente, pois ela resiste e pode voltar, exigindo atenção constante do ex-paciente.

4. Considerações Finais

As revistas analisadas guardam semelhanças e diferenças na construção da imagem de si, da imagem do tu e do tema.

Istoé apresenta as doenças físicas ligadas a bem-estar e alimentação. Trata a ciência sempre em cheque, uma vez que ela seria a solução para todos os problemas físicos. Por esse motivo, novos remédios são sempre apresentados como eliminadores das doenças. As que mais preocupam a revista são: colesterol, câncer, doenças cardíacas.

As marcas da imagem da revista estão na forma de apresentar o tema ao leitor, na diagramação e na escolha dos títulos bem como no destaque destes. Além disso, a capa funciona como vitrine para o leitor, portanto é onde a revista mais se expõe e se deixa transparecer através das cores e diagramação e chamadas para os assuntos que acha relevante.

Por isso, Istoé se manifesta como lugar de alertar quais prejuízos você pode ter em relação a sua saúde, dar dicas de como resolver isso e confortar demonstrando que a ciência é confiável.

A revista *Época*, no que se refere ao tema doenças físicas, assume um discurso pedagógico, sensibilizador e conscientizador. Isso, porque ela busca ensinar o leitor sobre as doenças abordadas. Porém, não assume um discurso distante do público, pois se aproxima dos dramas humanos ao contar a história de pacientes, sensibilizando, assim, seu leitor. Ela se coloca como uma voz legitimada para alertar a população acerca do perigo dessas doenças, dando dicas de como o leitor deve se prevenir delas. A revista *Época* se apresenta, portanto, como uma mídia que está ao lado do leitor para ensiná-lo e protegê-lo das doenças físicas.

Istoé e *Época* assumem o papel de conscientizadoras da população. Contudo, elas diferem quanto ao modo de se colocarem nos textos. Istoé preza por um texto mais objetivo, denotando praticidade e rapidez na leitura. Já *Época* tem um texto mais narrativo, trazendo histórias de pacientes, postando-se como um veículo sensível aos dramas humanos e, por consequência, próxima do seu leitor.

Na construção da imagem do *tu*, Istoé busca proximidade e identificação com o leitor através do uso de pacientes como fontes de informação e através da linguagem. A revista dá explicações, dicas, revela sintomas e cita medicamentos. Usa recursos gráficos e muitas ilustrações. O leitor de Istoé é, portanto adulto da classe financeira média ou alta, informatizado, faz uso freqüente de aparelhos tecnológicos, informado, preocupado com os males que o cotidiano e modo de vida urbano podem trazer.

Já na revista Época, observa-se que ela trabalha seus textos com vistas a atingir um leitor instruído, que tenha, inclusive, um conhecimento médio acerca dos assuntos abordados. Esse leitor é alguém que busca na revista um veículo que lhe ensine, que lhe aconselhe e que lhe traga respostas a perguntas cotidianas. Época é, pois, um ponto de apoio para ele.

Constata-se, pois, que Istoé e Época têm públicos semelhantes. Ambas constroem um *tu* bem informado e que têm nas revistas pontos de apoio na busca de uma vida mais saudável.

O conceito de saúde física para Istoé está relacionado a bem-estar, tecnologia, medicamentos e descobertas científicas. Isso se constrói desde a colocação das matérias na editoria até a escolha dos temas e termos nas chamadas, chapéus, linhas-finas e subtítulos. É retratada junto com divulgações de novos produtos farmacêuticos, sendo estes a solução para os problemas de saúde. As doenças que mais preocupam o veículo são câncer, diabetes, colesterol e problemas cardíacos. O tema necessita de grande quantidade de explicações, dadas através de infográficos e/ou boxes com curiosidades.

As doenças físicas trazidas por Época no material analisado não são retratadas de modo uniforme. Isso, porque ora Época constrói um conceito esperançoso para o leitor, caso da enxaqueca, ora usa um discurso fatalista, caso da AIDS. Em todos os casos, porém, Época assume uma postura informativa ampla, pois busca descrever tratamentos, explicar a origem das doenças, trazer personalidades que as representam e formas de prevenção. Época, portanto, assume a imagem de si como veículo semanal de informação de alcance nacional, que tem o dever de deixar bem informado seu leitor. Por outro lado, instaura diante de si um outro que queira essas informações, tanto para realmente se prevenir das doenças, como para meramente manter-se atualizado.

As doenças físicas têm conceitos diferentes nas revistas Istoé e Época. Para Istoé, elas estão ligadas intimamente à promoção da ciência, encontrando nesta sua esperança. Assim, em Istoé predomina a representação das doenças físicas através de



tecnologias, descobertas científicas, remédios e bem-estar. Isto é, pois, mais objetiva e prática no trato do tema.

Época, por sua vez, constrói o conceito de doenças físicas a partir da visão de quem delas seja acometido. Assim, embora também traga descobertas científicas e tecnologias, predomina em Época o viés humano, que permeia todas as matérias, seja iniciando-as, seja com exemplos no transcorrer do texto, seja com boxes de depoimentos. Para Época, as doenças físicas são males que vitimam o homem, sendo necessário se ter perseverança para vencê-las, o que nem sempre é possível. Apesar de trazer a ciência como esperança para a cura das enfermidades, Época não esconde que em alguns casos a ciência tem-se mostrado lenta. Época, dessa forma, mescla discurso sensibilizador com pessimismo.

Isto é e Época trabalham cuidadosamente a diagramação. Esta interage com o texto, destacando aspectos trazidos pela matéria escrita. Além disso, ela orienta a leitura, suaviza as páginas e traz informações em gráficos explicativos.

Referências Bibliográficas

AUTHIER-REVUZ, Jackeline. *Heterogeneidade(s) enunciativa(s)*. Cadernos de Estudos de Lingüística, Campinas, 1990.

BENVENISTE, E. *O aparelho formal da enunciação*. In: *Problemas de Lingüística Geral II*. 3 ed. São Paulo: Pontes, 1989.

FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. *Introdução à lingüística da enunciação*. SP: Ed. Contexto, 2005.

LOPES, P.F. de C. *Corpus (en)cena: a construção do discurso midiático sobre a noção de saúde a quatro anos do século XXI*. 152f. Dissertação (mestrado em Comunicação e Cultura) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

PINTO, Milton José. *Comunicação e discurso*. São Paulo: Hacker, 2002.

VERÓN, Eliseo. *Fragmentos de um tecido*. São Leopoldo: UNISINOS, 2004.